

Índice

Prefácio		9
1959	<i>Para o Colóquio de Lourmarin</i>	25
1970	<i>As Personalidades</i>	35
1976	<i>Governo e Revolução</i>	41
1980	<i>É Escusado Cultivar o Nosso Jardim</i>	51
c. 1980	<i>O Olhar de Catarina, a Grande</i>	57
1982	<i>O Sebastianismo, Mística do Imperfeito</i>	61
1983	<i>A Linguagem como Sentido da Proximidade</i>	77
	<i>Jornalismo e Literatura</i>	91
1984	<i>A Cultura da Simpatia</i>	95
	<i>Revolução, respeitosamente</i>	103
1987	<i>A Desmobilização da Culpa</i>	109
1988	<i>Mulheres na Cultura</i>	125
1989	<i>O Sagrado e a Necessidade de Troca na Sociedade Contemporânea</i>	135
	<i>Os Usos Estéticos da Língua Portuguesa</i>	143
1990	<i>O Fenómeno da Obrigação na Sociedade Contemporânea</i>	153
c. 1990	<i>A Economia não É Uma Ciência Fria</i>	165
1993	<i>Prisões de Invenção</i>	173
1996	<i>Direitos Humanos e Virtudes Públicas</i>	179
1998	<i>Santidade e Sabedoria</i>	187
2000	<i>Contemplação do Milénio</i>	195
	<i>George Sand e Simone de Beauvoir</i>	201
2001	<i>A Dor na Literatura</i>	211
	<i>A Epístola aos Romanos</i>	221
	<i>O Cântico dos Cânticos</i>	231
2002	<i>Falar da Paz</i>	239
2005	<i>A Paixão segundo João</i>	245
	<i>Cumprimento da Medicina no Reino da Terra</i>	251
2006	<i>O Chapelinho Vermelho</i>	257

Para o Colóquio de Lourmarin*

1959

* Comunicação apresentada no Encontro de Lourmarin, subordinado ao tema «Pensar a Europa», realizado de 8 a 13 de Julho de 1959. Única representante portuguesa, Agustina Bessa-Luís reflectiu sobre a viagem e o encontro em *Embaixada a Calígula* (Bertrand, 1961).

De certa maneira podemos convir que a decadência dos povos começa sempre pelo temor da sua renovação, pelo aproveitamento do passado e pela usura intelectual. Não é a Europa um continente desaparecido no sentido geográfico, e não o é também no sentido moral. Julgamos mesmo que a civilização europeia atingiu, em massa, uma altitude significativa, e nisto reside o seu ponto trágico. A originalidade dos novos espíritos, a paixão e a combatividade mostram-se relutantes em se manifestar. Mas será isso um indício de decadência, ou, pelo contrário, uma prova de mais densa sensibilidade e de coragem? Vemos em Heidegger, observador genial da nossa época, uma docilidade bem distinta do arrebatamento que seria próprio dum pensador que se obriga a gritar para ser ouvido. Não existe a juventude tímida nem a juventude convicta, na Europa de hoje. Mas não devemos por isso desesperar dela, porque essa reserva é o sinal que indica um ponto extremo da civilização. À juventude que resiste segue-se o homem que medita; e este ficará inacessível tanto aos fúteis demagogos, como às doutrinas que constroem e deformam a natureza humana.

Sem dúvida que a lúcida meditação leva o frio ao coração mais ardente e impõe a dúvida nas ideias mais generosas. Os povos que filosofam estão de antemão condenados se neles não brota a invenção psíquica que os faça encontrar outra vez o germe da continuidade. Nietzsche disse que a vingança, ou o ressentimento em rela-

ção ao tempo, era o princípio de toda a acção; um dia que esse sentimento se extinga, por um processo de depuração moral, o instinto criador fraqueja, ainda que surja então o homem superior. É, sob aspectos subtis, o fim do ressentimento o que vemos no espírito europeu de hoje. Trata-se duma decadência? Não o acreditamos, pois de tão clara evolução terá que nascer algo de persuasivo que faça a velha alma experiente demais, não iludir-se, mas continuar vigorosamente.

Aparentemente e só duma forma superficial, a civilização europeia parece atingida de morte. Os antigos prestígios de riqueza e de força guerreira caíram, os países agitam-se entre a paz confusa e a guerra melindrosa de gabinetes. E a publicidade, tanto do que é banal como do que é magnífico, faz multiplicarem-se no coração das gentes os apetites e as incredulidades. As energias gastam-se a desprezar e a desejar tudo aquilo de que não houve tempo para ter conhecimento, mas só uma informação precipitada. Este é um defeito quase pedagógico, que faz da cultura um absurdo e desvia o espírito para uma aceitação do fácil e para uma intensidade sem compromisso. O escritor, o poeta e o filósofo não apresentam sugestões interessantes nem cómodas — isto será sempre a causa da sua impopularidade.

E já foi dito e comprovado a todo o momento que, enquanto não se faz dum pensamento elevado uma tolice, a multidão o repele. Há pois razões especiais, hoje, para que o intelectual sério se lamente? Não podemos dizer, como os historiadores, que esta época tem uma duração exacta e que se caracteriza por fenómenos que afectam terminantemente o espírito e a liberdade do pensador. Mas podemos, sim, considerar tais fenómenos como uma fonte de novidade para o que deve ser pensado e criado outra vez.

A provincialização da cultura está relacionada com o que já Musil chamou a doença da época. Nada falta para que admiremos, para que acreditemos. Existe talento, carácter e boa vontade, mas alguma coisa corrompeu «o germe do génio da época precedente». O homem de espírito encontra-se menos acossado pelas imposições vee-

mentes da inteligência profissional do que desinteressado de si próprio. Dir-se-ia que cometeu um erro em ter sobrevivido, e submete-se a um insignificante mester especulativo que só o dom natural do génio pode fazer digno de se impor. Hoje, o homem de letras e o poeta são sobretudo o especialista; isto pode ser considerado bom e mau. Quando a especialização atinge um tipo de grandeza, não cremos que se considere como provincialismo; mas, quando fica na simples minimização, então a sua expressão é frustrada. Nos países de retórica materialista, é provinciano todo aquele que não serve os imediatos objectivos duma sociedade e que não apresenta uma ideia adaptável ao quotidiano comum. Os pensadores não existem em função do que é humano, mas do que é verdadeiro. «Um lugar-comum é sempre mais humano do que as novas descobertas» — não podemos impedir-nos de citar. Existe a provincialização da cultura e até uma deficiência épica que marca um certo desafecto para com o imenso prestígio do homem na terra. Dum lado vemos a publicidade monstruosa que se faz dos problemas económicos, da felicidade organizada, dos poderes da ciência e das possibilidades, sem aventura, da técnica. Do outro lado está o espírito, essa pequena incógnita desprezada e reduzida a uma posição quase sem conflito já. É ou não natural que o poeta se oculte ou filtre interminavelmente o seu lirismo, e o escritor se isole em si próprio? Mas quando o homem tiver esgotado as suas forças para obter um racional gosto pela vida, quando ele necessitar outra vez da inquietação, recorrerá outra vez a invenção nova, e essa só poderá ser produto do espírito, e de nada mais.

Desaparecimento da cultura europeia. É um tema de grande interesse neste encontro, porque ele sugere muitos problemas principais dos nossos dias. A luta por expressão própria, aberta noutros continentes cheios de fogosos princípios servidos por ideais e necessidades que não estão mais no nosso caminho, corrompeu a consciência duma cultura europeia. O europeu é considerado um decadente, quaisquer que sejam as suas afirmações e a sua realidade moral. A juventude divide-se em duas atitudes — a que acusa a subtileza

do pensamento como sua inimiga e é conduzida por ideologias cuja parte de êxito resulta bastante forte para convencer; e a que se provincializa, que opta por uma existência melancólica e isenta de responsabilidades. A Europa parece-lhes um caso consumado ou, pelo menos, um assunto bem pouco apaixonante. A cultura europeia não lhes provoca senão sorrisos, porque prevêem uma afectação em definições como essa. Que mau uso se fez da cultura para que tal acontecesse? Esse descrédito e o desfavor da juventude serão eles totalmente imerecidos? Não possui a Europa grandes pensadores vivos, e não continuarão eles no caminho da especulação mais alta e que não deixará de produzir os seus frutos? Que há a reccar, se a própria validade da cultura assenta sobre factores que escapam aos olhares dos contemporâneos, e se as verdades não são indecisas, mas intrinsecamente resolvidas e portadoras já da sua solução, qualquer que seja a época em que elas são sugeridas? Não desapareceu decerto a cultura europeia, mas está sujeita a uma confrontação que nem sempre a deixará brilhar como deseja. Qual é essa confrontação? A da opinião, que é um factor incluído nessa mesma cultura.

À medida que o homem se aproveita das noções postas à sua disposição para mais amplamente pensar, também a confiança nas velhas instituições enfraquece. O que é a cultura europeia? Os textos escritos e divulgados dos seus pensadores, as obras dos seus artistas, ou, mais do que isso até, a experiência viva de todo esse passado e o julgamento livre sobre ele? A cultura europeia é, acima de tudo, uma profunda estética do indivíduo como realidade. Ela não pode dizer «existio» senão através da sua manifestação activa, seja ela considerada decadente, insensata ou provinciana. Ser europeu é, ainda hoje, o que simboliza a ciência da justa medida. E o pensador europeu saberá sempre, mesmo por meio do excesso, encontrar o timbre da comunicação e, portanto, da sobrevivência.

Universalismo e uniformidade. A comunicação é e foi sempre uma ardente preocupação do ser humano. Não nos limitamos ao entendimento vulgar, ao encontro necessário para uma vida regular em sociedade, como aspiramos a um intercâmbio mais profundo, ao

aceitar da consciência alheia. Mas aceitar a consciência dos outros é fazê-la limitada, e assim o homem continuamente estimula a controvérsia e prolonga o seu mistério. A luta pela comunicação apresenta-se-nos sempre fugitiva e difícil. O escritor e o poeta destinados a obter um vasto público quase nunca pertencem ao género dos que recriam a consciência com as suas trevas e abismos, mas são antes os que contribuem para a sua morte. Uniformidade é desprezo pelo desconhecido. Não podemos outorgar um carácter ou um perfil pré-determinado àquele que em parte teremos que amar «em desconhecimento». A comunicação das massas serve, sem dúvida, razões que não estão sempre na linha inversa dos objectivos do pensamento de elite. Digo do pensamento, e não do pensador. Porque o pensador, o artista e o filósofo são inspirados pelas necessidades duma verdade válida a partir duma época, mas não útil talvez nessa época. O que escreve para comunicar com as massas usa a linguagem própria, directa, efusiva e sentimental. O que escreve para subsídio da comunicação mais profunda não pode ter outra linguagem senão a sua, hermética ou delicada, e não susceptível de ser divulgada como consciência comum. Outra coisa seria um pactuar com a morte.

No encontro de Lourmarin aparecem decerto os mais representativos dos intelectuais das quatro grandes culturas europeias: França, Itália, Espanha, Alemanha. Será de extraordinário interesse contactar com expoentes de culturas tão diversas, ainda que sensíveis a uma linha idêntica de pensamento; e esperamos que os temas apresentados, devolvidos em réplica e assim revividos, tragam um contributo valioso para o esclarecimento de problemas que não se referem afinal só à nossa época, mas a todos os tempos e civilizações. É de todos os tempos a perplexidade humana como a que hoje nos habituámos a observar, na náusea, na visão dum mundo em que os velhos mitos se afundaram. A glória e o amor, a ambição e o culto dos deuses, parecem coisas irrisórias e que nada poderá fazer regressar. Apenas o homem está na terra, só, orgulhoso, e sem alegria. É verdade que os novos dizem que estão fartos da inteligência, «a comadre inteligência», que em tudo mistura a sua intenção dissol-